

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DEYVID SANTOS VASCONCELOS

**A BEATA DO MILAGRE DA HÓSTIA EM JUAZEIRO DO NORTE:
Interseccionalidade raça e gênero.**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

DEYVID SANTOS VASCONCELOS

**A BEATA DO MILAGRE DA HÓSTIA EM JUAZEIRO DO NORTE:
Interseccionalidade raça e gênero.**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Moema Alves
Macedo

Co-orientador: Profa. Me. Maria
Aparecida Trindade Pereira

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

DEYVID SANTOS VASCONCELOS

**A BEATA DO MILAGRE DA HÓSTIA EM JUAZEIRO DO NORTE:
Interseccionalidade raça e gênero.**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Me. Moema Alves Macedo

Co-orientador: Profa. Me. Maria Aparecida Trindade Pereira

Membro: Prof. Dr. Francisco Francineite Leite Júnior

Membro: Esp. Francisca Janiele Felipe Feitosa

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

A BEATA DO MILAGRE DA HÓSTIA EM JUAZEIRO DO NORTE: Interseccionalidade raça e gênero.

Deyvid Santos Vasconcelos¹

Moema Alves Macedo²

Maria Aparecida Trindade Pereira²

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva com abordagem qualitativa acerca das implicações históricas e sociais na vida da Beata Maria de Araújo, em decorrência ao fenômeno religioso que ficou conhecido como o Milagre da Hóstia no Juazeiro do Norte-CE, levando em consideração as intersecções raça, gênero e suas reverberações. O texto considera o contexto histórico e social do final do século XIX e início do século XX com todas às influências culturais do sertão caririense, percebidos através dos atravessamentos do sexismo, machismo e patriarcado impostos por uma sociedade excludente e as instituições de poder social, a uma mulher preta, analfabeta, descendente de pessoas escravizadas que manifestou a presença de Deus no coração do Cariri – CE. Esse milagre é um dos grandes fatos precursores da formação de um povo e uma cidade. Logo, o texto busca apontar quais foram as questões que levaram ao apagamento histórico da protagonista dos eventos miraculosos. Maria de Araújo assim como outras mulheres negras, teve seu legado empurrado para uma posição de invisibilidade e se faz necessário na produção acadêmica uma estratégia de retomada de sua história.

Palavras-chave: Beata Maria de Araújo. Milagre da Hóstia. Interseccionalidade. Raça. Gênero.

¹Deyvid Santos Vasconcelos Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: deyvvidvasconce@gmail.com

²Profª Me. Moema Alves Macedo Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: moema@leaosampaio.edu.br

³Profª Me. Maria Aparecida Trindade Pereira do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: mariaaparecida@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe discutir as implicações históricas e sociais na vida da Beata Maria de Araújo, em decorrência do fenômeno religioso que ficou conhecido como o Milagre da Hóstia, no Juazeiro do Norte-CE no final do século XIX, levando em consideração as intersecções raça, gênero e seus atravessamentos.

Enquanto homem negro, graduando do curso de bacharel em Psicologia, participante de movimentos sociais, especialmente da ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas (os) Negras (os) e Pesquisadoras (es) e instigado a discutir, pesquisar, e problematizar temáticas que fortalecem nossa história e ancestralidade, propus este tema como uma necessidade pessoal de compreensão da memória da mulher negra, marginalizada, silenciada e forçada ao apagamento histórico, por tratar-se de uma descendente de pessoas escravizadas, que teve no percurso de sua existência o peso do racismo estrutural e o preconceito de raça, questões que infelizmente atravessam os mais de cinco séculos do Brasil. Assim, esse tema, de maneira particular, atravessa minhas vivências pessoais, especialmente por ser uma temática religiosa, de um catolicismo popular que tem em suas bases as intersecções de crenças e espiritualidades de povos e culturas diferentes.

O enredo deste artigo se passa na cidade de Juazeiro do Norte que está localizada no Cariri cearense, a qual dada a sua dimensão econômica e política no Estado, é englobada enquanto compondo a região metropolitana. A cidade surgiu mediante um vilarejo que vivenciou eventos religiosos e políticos no final do século XIX e início do século XX. Tendo caráter misticista e messinânico, os eventos atraíram muitas pessoas em romarias, que buscavam por milagres e tinham em “Joazeiro” que até aquele momento, era um povoado, termo da cidade do Crato-CE a “Nova Jerusalém” (Pinho, 2020) onde o Cristo derramou o seu sangue pela segunda vez para redenção dos pecadores (Dantas, 2012).

A partir das reflexões, percepções e discussões das ciências sociais e seus atravessamentos acerca do conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, que percebeu que algumas vivências não se dão de forma isolada, que há uma intersecção entre identidades sociais e a partir desta, a discriminação assume características particulares (Silva, 2016), como também as reflexões inerentes aos papéis sociais das mulheres ou ao seu psiquismo discutido

pela psicologia e seus autores, como o Dr. Sigmund Freud, o idealizador da psicanálise (1900/2019) que dedicou poucos textos exclusivamente ao psiquismo da mulher. Porém, pesquisadores de suas obras, como Neri (2002, p.18), postulam que a “relevância do feminino no psiquismo e na obra freudiana, está diretamente ligada à entrada do feminino na cena social”. Contudo, os esforços dos autores em compreender as questões próprias do feminino não estão imunes à construção social instaurada pelo patriarcado, machismo e suas intersecções.

Os marcadores sociais, raça e gênero, foram decisivos para a invisibilização da história da Beata, sobretudo pela cor de sua pele. Como revela uma citação do livro *Joazeiro do Cariry* (Peixoto, 1913 *apud* Forti, 1999) no qual o padre Alencar Peixoto desvela o preconceito, ao referir-se a ela, como sendo um produto do cruzamento de duas raças desprezíveis [negra e indígena], resultando numa hibridez horrível e monstruosa, e conforme explicita também o *Diário de Pernambuco* em sua edição de 1889, onde se pode ler que a Beata era mais preta que parda, de estatura baixa e compleição franzina, bastante feia, tendo entre 18 e 20 anos de idade quando aconteceu os eventos miraculosos. Todo esse preconceito contribui para o apagamento de sua história até os dias atuais.

Portanto, foram esses marcadores que fizeram com que a história da Beata ficasse encoberta por quase um século. Tendo sido resgatada a partir da década de 1990, com publicações acadêmicas, implementação de leis municipais e movimentos pró-memória da Beata Maria de Araújo. Vale ressaltar que sem a produção acadêmica é impossível o resgate da historicidade tão necessária para dirimir o processo de invisibilização histórico/social pelo qual passou a Beata Maria de Araújo.

Ademais, o leitor será levado a vislumbrar um trabalho que não só contará uma história, mas, uma narrativa própria, de um povo sertanejo que tem em suas memórias, a mulher negra que manifestou a graça de Deus no sertão do Ceará. Maria de Araújo morreu em 1917 e mesmo após sua morte a Beata não teve seu descanso respeitado, uma vez que seu túmulo foi violado e os seus restos mortais subtraídos, permanecendo desaparecidos até os dias atuais.

Por fim, o artigo irá apresentar os tópicos; A Beata Maria de Araújo e o Milagre, que visa descrever quem foi a beata protagonista do fenômeno e sua vida antes e após o milagre, o segundo tópico; A Beata Maria e o feminino: intersecções de raça e gênero se problematizam as questões inerentes ao processo de

apagamento vivido pela protagonista e suas reverberações na história do Juazeiro e no terceiro; Os movimentos sociais e a ressignificação do apagamento histórico da Beata Maria de Araújo que buscará discorrer acerca das ações e movimentos que visam dirimir e ressignificar o processo de apagamento histórico que foi submetida a Beata Maria de Araújo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

O artigo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, descritiva com abordagem qualitativa, realizada por meio da análise de material já publicado acerca da Beata Maria de Araújo, o milagre do Juazeiro do Norte – CE, como também os conceitos de interseccionalidade, raça e gênero, em livros, revistas, teses, dissertações, e outras fontes impressas e/ou virtuais. Estas, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Scientific Electronic Library Online – SciELO, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Google acadêmico e Portal Periódicos da CAPES. No tangente às informações específicas sobre a Beata Maria de Araújo, utilizamos em especial o livro “Maria do Juazeiro A Beata do Milagre”, de autoria da professora Maria do Carmo Pagan Forti (1999). A respeito dos critérios de inclusão foram levados em consideração, a fidedgnidade do tema dos trabalhos e ao que foi produzido no corpo textual, a relevância do título, e a quantidade de referências pesquisáveis e atuais. A análise dos dados foi feita mediante leitura informativa, com fichamentos e agrupamentos de informações, identificadas pelo autor como sendo relevantes, em tópicos no artigo seguindo critérios de agregação: similitude e objetivos do trabalho.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 A Beata Maria de Araújo e o Milagre

Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo nasceu em 23 de maio de 1863, no então povoado do Tabuleiro Grande, distrito da cidade do Crato – CE, hoje

por nome Juazeiro do Norte, e faleceu em 17 de janeiro de 1914. Era analfabeta e vinha de uma família muito pobre, descendente de indígenas e de negros. Isso de acordo com a “exposição circunstanciada” escrita pelo Padre Cícero, em julho de 1891 e anexada ao processo instruído sobre os “factos de Joaseiro”. (Olinda; Kirchner, 2020). A professora Fátima Pinho (2019) afirma que a possível data é 24 de maio e não 23 de maio, pela sua análise a documentos da época.

Maria de Araújo era filha legítima, advinda do casamento de Ana Josefa do Sacramento e de Antônio da Silva Araújo, sendo a quarta entre nove irmãos. Na infância como artesã, fiava algodão para tecer panos e confeccionava bonecas para vender. Não se tem muitos dados acerca de sua infância. O pouco que se sabe, vem da tradição oral por alguns familiares vivos, alguns cordéis e pouquíssimos documentos históricos. Ainda na infância, prestou serviço em uma olaria, contando tijolos, ficando órfão de pai antes dos nove anos de idade (Paz, 1998; Forti, 1999; Cava, 2014).

De acordo com a data de nascimento de Maria de Araújo é possível inferir que a menina era descendente direta de pessoas escravizadas, visto que no Brasil a lei Áurea foi promulgada em 1888, quase vinte anos após seu nascimento e o logradouro de Tabuleiro Grande, à época, mantinha estruturas de uma grande fazenda de cana de açúcar. Segundo Cava (2014, p. 78), “[...] em 1875 ainda conservava traços de fazendas coloniais como uma grande casa e um engenho, [...] contava com uma população em torno de dois mil habitantes, muitos desses descendentes de pessoas escravizadas do padre Pedro”.

Diniz (2021) lembra que no Estado do Ceará o movimento abolicionista teve um diferencial, visto que em 1881, Dragão do Mar, homem negro, nascido em Aracati no ano de 1839, em Fortaleza, aboliu a escravidão por meio da resistência popular, mas a região do Cariri, a professora Agapto (2020) infere ter sido uma das últimas regiões do Ceará a participar do movimento abolicionista. É preciso levar em consideração as questões provenientes do Brasil escravocrata no percurso da vida da Beata, pois foram essas questões que contribuíram para o apagamento de sua história.

Maria de Araújo, além de uma negra marginalizada por uma sociedade assombrada pelo peso da escravização, foi uma sertaneja pobre, de pouca instrução acadêmica, de vida austera e sofrida e assim como outras mulheres de sua época, tinha na religião as normativas para sua vida. Em 1872, aos nove anos de idade fez

sua primeira comunhão, ministrada pelo Padre Cícero Romão Batista, sacerdote recém-ordenado que teve naquele distrito seu primeiro cargo, o de capelão da Capela de Nossa Senhora das Dores. Mesmo com vida privada de bens e riquezas, Maria de Araújo deixou a casa de seus pais somente após o fenômeno do sangramento da hóstia (Forti, 1999) indo viver com Padre Cícero como uma de suas beatas.

O Padre Cícero, segundo Paz (1998 p. 65) “Foi assim como o Padre Ibiapina, um sacerdote que teve sob sua direção espiritual e normativa um grupo de mulheres religiosas não professas, conhecidas como Beatas”. As beatas como postula Tolovi (2017), eram vistas pelas demais pessoas como mulheres que abdicavam dos prazeres terrenos e se dedicavam inteiramente a Deus, por meio do voto de castidade, com vestimentas religiosas modéstias, comunhões diárias e vida simples dedicada à caridade. Contudo, não pertenciam à estrutura hierárquica da Igreja Católica Apostólica Romana, mesmo sendo mulheres consagradas a Cristo e à Igreja. Além de ser considerada uma das beatas do Padre Cícero, Maria de Araújo também pertencia ao:

[...] Apostolado da Oração, uma associação leiga que nasceu na França em 1844, aprovada pelo Papa Pio IX em 1849, também conhecida como Associação do Sagrado Coração de Jesus. As leigas que participavam dessa associação eram chamadas de beatas, ainda que não se saiba se essa era uma denominação comum a todas as mulheres do Apostolado ou se era um caso peculiar de Juazeiro (Nobre, 2016, p.30).

Apesar de serem mulheres que pertenciam às irmandades e viviam como religiosas, elas não viviam recolhidas, tinham vida normal, claro, considerando o contexto de serem Beatas. Residindo em suas próprias casas, muitas delas trabalhando para seu próprio sustento, outras recebendo do Padre Cícero ajuda financeira, sobretudo, aquelas que ele acolhia como órfãs para serem educadas (Paz, 1998).

Maria de Araújo é vista, segundo Teixeira (2015), como uma das mais fiéis ajudantes do Padre Cícero no trabalho de arrebanhamento e liderança que o padre desenvolvia no logradouro. Visto ser aquele, um lugar de desordem e uma vila repleta de criminosos (Cava, 2014).

Antes dos fatos miraculosos ocorridos em março de 1889, Maria de Araújo que, segundo Cava (2014, p. 84), era uma costureira de 28 anos de idade, não

havendo nada em sua história anterior ou posterior ao fenômeno, que indicasse ser ela um “instrumento da Providência, estigmatizada e transformada em objeto de veneração das massas”. Contudo, para outros autores, a Beata Maria de Araújo não tinha no evento do Milagre uma novidade acerca de sua íntima relação com o Sagrado, pois já na infância e adolescência, a menina manifestava eventos divinos.

Segundo Paz (1998, p. 76) “Por volta de seus dezenove anos, a então beata passou a ter visões perturbadoras que lhe atentavam o espírito”. Em 1884 a Beata passou a manifestar os estigmas e exsudações, estas vistas pelo povoado como um sinal da presença de Deus em sua graça. Também Padre Cícero os via como uma manifestação da consagração feita a Deus pela beata aos nove anos de idade, em sinal de sua vida de penitências.

Ainda a professora Paz (1998, p. 76) discorre que “as visões foram sendo substituídas por outras em que Cristo lhe ordenava e consolava, celebrando um consórcio espiritual com ela”. Em depoimento dado pela Beata Maria de Araújo à Comissão de Inquérito em 09 de setembro de 1891, segundo a autora, pode-se ler:

“[...] na Capella de S.S sacramentado, em presença de Maria S.S, de S. José, e de coro de anjos e de virgens, tendo a isso precedido diversos preparativos [...]; então Jesus lhe entroduzio no dedo o anel nupcial, deu-lhe a mão chamando-lhe de espoza e confiando-a como tal, exigindo que a Elle se consagrasse de modo mais íntimo ainda e anunciando-le que dahi em diante teria mais que sofrer por seu amor”. (Paz, 1998 p.76)

Diante do exposto, é possível inferir que a Beata Maria de Araújo, assim como outras místicas da Igreja Católica, carrega em sua história, manifestações divinas, seja de caráter sobrenatural como Santa Tereza D’Ávila em suas levitações e êxtases, seja por meio de uma vida de penitências, como a de Santa Josefina Bakhita.

O evento que desencadeou a veneração e a perseguição à Beata Maria de Araújo, então conhecido “Milagre da hóstia” em Juazeiro do Norte, teve início em 1º de março de 1889, quando Maria de Araújo e outras beatas, encontravam-se em oração na modesta capela para assistir à missa devocional em honra ao Sagrado Coração de Jesus, como de costume nas primeiras sextas-feiras de cada mês. Tendo Maria de Araújo, sido uma das primeiras a comungar, pelas mãos do Padre Cícero, subitamente, desmaiou em transe e a Imaculada Hóstia branca tingiu-se de sangue (Cava, 2014). Tal fenômeno continuou se repetindo por toda a Quaresma,

(período que antecede a Páscoa dos cristãos católicos), sempre às quartas-feiras e sextas-feiras. Após esse período, tornou-se diário.

De acordo com Paz (1998) e Cava (2014), em sete de julho de 1889, dia da festa do Precioso Sangue de Jesus, os fenômenos foram afirmados publicamente pelo reitor do Seminário do Crato, Monsenhor Monteiro, como sendo de origem divina diante de uma expressiva quantidade de pessoas em sermão sobre o mistério da Paixão e Morte de Cristo que, como pontua Cava (2014 p. 85), “levou lágrimas aos olhos de seus ouvintes; então, agitou no ar um punhado de panos do altar que estavam manchados de sangue [...] acreditando o reitor, que era o sangue de Cristo, declarou: saíra da hóstia que fora recebida por Maria de Araújo”. Estes fatos tornaram-se objeto de estudos, dúvidas e questionamentos que levaram a Igreja Católica Apostólica Romana, a ciência e pessoas comuns a se questionarem da veracidade do evento, a santificar e/ou a demonizar a Beata Maria de Araújo.

Outros agentes que corroboraram com a veracidade do milagre, além da confirmação ao público feita pelo Monsenhor Monteiro, foi o Dr. Ildefonso Correia Lima, médico, conhecido farmacêutico e notório político do Ceará, que declarou dizendo em atestado de 1891 à comissão de inquérito, que “a transformação da hóstia se devia a algum agente externo, que eu concluo que seja - Deus” (Cava, 2014 p. 95) e a alegação de Joaquim Secundo Chaves, farmacêutico residente na cidade do Crato, que à época afirmou ser Maria de Araújo um agente da providência divina, já que era estigmatizada, e se a “Beata repetia com tal intimidade a Paixão de Cristo, então não podia haver dúvida quanto à origem divina da transformação da hóstia” (Cava, 2014 p. 95). Todas essas alegações contribuíram para que a fama da Beata do milagre, corresse para fora dos domínios do povoado, tomando assim esses eventos repercussão a nível local, regional e nacional.

Em 1889 a notícia desses acontecimentos chegou ao Bispo Dom Joaquim José Vieira, que residia em Fortaleza, capital da oligarquia do Ceará, que leu em um artigo de jornal, a narração desses eventos. Isso fez com que o Bispo se indignasse com Monsenhor Monteiro e com o Padre Cícero que guardavam silêncio para com a diocese e, ao público, proclamavam o milagre (Cava, 2014). Esse foi o momento em que se deu o início à sequência de perseguição e apagamento da história da Beata.

A mandado do Bispo, foi instaurada em 1891, a Primeira Comissão de Inquérito, cujo desfecho foi a confirmação dos milagres do Joazeiro como sendo de ordem Divina. No processo, levado a Fortaleza para conhecimento do Bispo Dom

Joaquim José Vieira, os Padres Clycécio da Costa Lobo e o Padre Francisco Ferreira Antero atestam, que segundo vinte e três testemunhas a Beata Maria de Araújo, mantinha boa saúde, afastando, qualquer alegação de doença orgânica que possa ter afetado a transformação da hóstia. Tendo sido confirmadas por uma destas testemunhas, as manifestações dos estigmas de Cristo pela Beata em 1884, apontando este como um sinal da santidade da Beata. Vale ressaltar que a transformação da Hóstia em sangue aconteceu seis vezes diante deles e, em especial, sem a presença do Padre Cícero durante os interrogatórios (Cava, 2014). Tais resultados não convenceram o Bispo, que acreditava ser um embuste e sacrilégio (Cava, 2014) o que acontecia em Juazeiro. Não foram apenas questões de ordem doutrinária ou teológica que fizeram o Bispo instaurar uma segunda comissão, mas o temor acerca da crescente fama que a Beata e o Padre Cícero estavam tendo com as nascentes romarias, as quais, relata Conceição (2024, p. 26) se fortificaram com “a fé do povo no que se convencionou chamar de “milagre da hóstia” e sua tenaz resistência às sucessivas condenações da hierarquia da Igreja Católica [...]”.

Em 20 de abril de 1892 a II Comissão de Inquérito, realizou o primeiro interrogatório a Maria de Araújo, findando em janeiro de 1893 (Nobre, 2016, p. 212). Neste Inquérito, foi notória a tentativa de reprovar a figura da Beata, sendo visto a diretiva ênfase na questão racial e de gênero, mas, sobretudo o enfaro, não era só sobre o gênero feminino, mas, sobre sua raça e sua ancestralidade escravizada na diáspora. Bayma (2012) lembra como o fim da escravização está interligado às questões de poder, desde muito antes de 1888.

A partir daí, o martírio em vida da Beata Maria de Araújo passa a ter conotação de eliminação, de apagamento e silenciamento por parte de seus algozes. Ela foi enviada para o enclaustramento em Barbalha-CE, onde passou por inúmeras audiências, inclusive tendo sido submetida a açoitamentos, humilhações, (Paz, 1998; Forti, 1999; Cava, 2014) e acometimento de problemas de saúde, que levaram sua família a intervir, retirando-a à força do claustro, contrariando a ordem episcopal de que ela ali permanecesse. Levaram-na para Juazeiro, a fim de impedir que a enviassem para o Crato, onde, segundo ordem de Dom Joaquim José Vieira, passaria a viver em clausura (Cava, 2014). Após esse incidente e intervenção do Padre Cícero, a Beata Maria de Araújo, voltou para casa de caridade em Barbalha

Com o fim do II Inquérito e a desaprovação por parte da Santa Sé, que figura na Congregação do Santo Ofício, os milagres de Juazeiro, o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo, considerada por Roma uma embusteira (Forti, 1999) foram silenciados, com veementes ordens em carta episcopal de julho de 1894.

No final de sua vida, a Beata Maria de Araújo enclausurada, sofreu com o racismo instaurado em uma sociedade marcada pela invisibilização de corpos negros, especialmente, o corpo feminino. No seu caso, este que manifestou a graça de Deus aos pequeninos, ao pobre, a mulher, ao sertanejo, ao peão, ao lavrador, aos que não pertencem a nenhum lugar (Forti, 1999). E para uma Igreja marcada pelo poder opressor, que não compreendendo como uma “[...] beata, pobre e negra, pode ser instrumento de Deus, mediadora dos pecadores, esperança para a salvação de suas almas [...]”. (Forti, 1999, p. 64), empôs-lhe o peso mais uma vez do racismo.

Em 17 de janeiro de 1914, a Beata Maria de Araújo teve seu sepultamento acompanhado por uma “grande multidão de pessoas, entre as quais o Padre Cícero e importantes políticos do Estado” (Anselmo, 1968 *apud* Forti, 1999). De acordo com a professora Forti (1999 p. 98) “se conclui que até sua morte, ela não foi esquecida. Nem por muito tempo depois [...] os romeiros passavam em primeiro lugar no seu túmulo e, só depois, peregrinavam pelos outros lugares considerados sagrados”. Em 1930 o túmulo da Beata Maria de Araújo, que ficava localizado na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, foi violado e seus restos mortais subtraídos, estando desaparecidos há quase um século. Mais uma ostensiva e inquestionável tentativa de apagamento de sua história e protagonismo.

2.2.2 A Beata Maria e o feminino: intersecções de raça e gênero.

As questões do feminino, raça e gênero na vida da Beata Maria de Araújo são atravessadas por instâncias de poder, que segundo Foucault (1999) “tem essencialmente por função o proibir, impedir, isolar [...]” (p. 47).

Já a compreensão do feminino na psicologia, em especial na psicanálise, como na construção da sociedade é atravessado por questões provenientes do patriarcado, machismo e sexismo. Acerca dessa compreensão Lacan (1972-1973/2008) apresenta o postulado “A mulher não existe”, não invalidando a

existência da mulher, meramente pelos papéis sociais já instaurados pela construção social, mas, conferindo a ela, uma existência própria e significativa.

Socialmente há um apagamento desse feminino para além da maternidade. Freud (1933/2010) irá discutir que para alcançar a feminilidade verdadeira e ter um desenvolvimento psíquico “normal”, o destino das mulheres seria a maternidade. Sendo esta uma visão segregadora e preconceituosa acerca dos papéis sociais da mulher.

Freud, conferi ao questionar e criticar a cultura, a moral de sua época ao postular que nisso temos que atentar para não subestimar a “influência da organização social, que igualmente empurra a mulher para situações passivas”. (Freud, 1933/2010, p. 268). Considerando, que a situação de passividade a qual Maria de Araújo foi submetida no contexto histórico do milagre, por fazer parte daqueles “sem lugar”, “sem-poder”, dos leigos, ou ainda mais, de acordo com o código de Direito Canônico vigente à época, abaixo dos leigos, pois era mulher. (Forti, 1999, p. 109) é expressivamente observado que ela, por ser mulher e negra, não teria o reconhecimento, muito menos a benção das Ordens Eclesiásticas acerca de suas manifestações divinas.

Logo, a histeria, que inicialmente esteve ligada somente às mulheres, é o tema pelo qual a psicanálise ficou conhecida e que, de certa forma, contribuiu para sua existência. O estudo da histeria, na psicanálise como algo sombrio permanente na Antiguidade que perpassou pela Idade Média, seguiu até o estudo de Charcot. Freud (1888/1996) relata que na Idade Média a histeria é evidenciada através da possessão e feitiçaria, o que levava as mulheres a serem tratadas como bruxas.

A questão da histeria foi considerada no percurso do fenômeno do milagre em Juazeiro, visto que segundo a professora Forti (1999) o Dr. Júlio César da Fonseca Filho, alegou ser Maria de Araújo uma mulher histérica. Aqui vale ressaltar a compreensão da histeria como de ordem somática das emoções, desejos e ideias e não só como um movimento único, mas coletivo, pois outras beatas, também passaram a manifestar eventos divinos, como visões premonitórias e êxtases. (Cava, 2014). A professora Maria do Carmo Pargan Forti (1999, p. 92) confere ser uma “histeria de conversão [...], o que não elimina ou diminui a realidade do acontecimento, ao contrário, comprova-o, diz da possibilidade de sua existência, e dá consistência ao valor simbólico do fenômeno”.

A Beata do fenômeno da hóstia (Diniz, 2021) teve sua história silenciada pelas instituições de poder político e religioso em Juazeiro. A esse respeito, (Forti, 1999) postula que ela foi imediatamente desumanizada e deslegitimada. Deixando evidente que seria inadmissível uma mulher negra representar a intermediação entre o divino e o terreno. (Gonzalez, 1984, p. 224) pontua, que a articulação do racismo “[...] com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”.

Para compreensão do processo de apagamento histórico pelo qual a figura da mulher negra e mística da Beata Maria de Araújo sofreu, é preciso vislumbrar esse feminino na constituição do sagrado, e no processo de formação da cidade de Juazeiro do Norte-CE. A princípio, é preciso observar que há uma indissociabilidade entre Juazeiro do Norte e a figura do Padre Cícero no campo das ciências humanas e sociais que é reforçada, não apenas em estudos sobre a história do território, como também nas investigações que atravessam o campo econômico e político do espaço (Facó, 1961; Camurça, 2012 *apud* Torres; Oliveira, 2023).

Sendo assim, o protagonismo da Beata não é visto ou aceito, não somente por ser mulher, mas, por ser negra e a essa figura não poderia ser associado ao sagrado e nem ao desenvolvimento econômico, político e social de uma cidade. Fanon (2008) explora como na cultura europeia, a cor preta é associada ao mal, ao pecado e à escuridão, enquanto o branco simboliza pureza e inocência. Ele aponta que esses valores atribuídos a cores consolidam uma hierarquia que coloca o negro como arquétipo de inferioridade. Sugere ainda, que, enquanto essas associações persistirem, o "problema negro" será compreendido de forma limitada e racista, perpetuando a marginalização. Fanon continua a analisar o complexo de interiorização, ou epidermização, do lugar de inferioridade do negro instituído por uma hierarquia pautada na cor da pele.

Pode-se perceber na vida e nos eventos miraculosos da Beata Maria de Araújo, os aspectos de interseccionalidade que são compreendidos como uma ferramenta de análise, no qual é possível visualizar mais de um sistema de opressão. Contudo, os aspectos e os processos discriminatórios não são estudados isoladamente nem se propõem a uma adição de discriminação, mas à compreensão da complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios de marginalização que permitem o conhecimento das condições específicas que delas decorrem (Kyrillos, 2020).

Para Pereira, Galoni e Ribas (2023), o racismo estrutura-se como um problema social, histórico e político, a partir do qual mecanismos estruturais e padrões de normalidade são instaurados e propagados para que haja a manutenção de poder de um determinado grupo racial em detrimento de outro. Nessa perspectiva, a professora Bento (2022) em seu livro “O pacto da branquitude”, questiona sobre o fato de haver invisibilidade quanto à herança da escravização e dos seus impactos negativos para as pessoas negras, mas de não haver debates acerca da herança escravocrata e dos seus impactos positivos para as populações brancas. Sendo o racismo, portanto, uma forma de racionalidade, normalização, compreensão e manutenção das relações de opressão social e apagamento de histórias negras (Pereira; Galoni; Ribas, 2023).

Convém destacar, que o que é discutido neste trabalho são fenômenos religiosos, diretamente ligados a Igreja Católica Apostólica Romana, cujo carácter social (Goffman, 2008), impõe seus critérios e normas, enquanto instituição, que de acordo com Foucault (1995) se caracteriza enquanto, portadora de poder, sobretudo em termos de estratégias, tecnologias, táticas e ademais em sua análise no livro Vigiar e Punir (1999) definirá o poder como “um modo de ação sobre a ação dos outros” (p.244). E ainda, com destaque Durkheim (2007, p.15) “as instituições são, portanto, conservadoras por essência [...] elas agem fazendo força contra as mudanças, pela manutenção da ordem”.

A Igreja Católica, enquanto mantenedora de um poder social instaura oposição, ou, não ao que lhe convém, especialmente, levando em questão a época dos eventos miraculosos e o poderio que a Igreja mantinha na região nordeste, foi a ancestralidade da Beata Maria de Araújo e sua descendência direta de pessoas escravizadas, que fez com que ela fosse submetida à suspeita e embusteira, quanto, a ser vista como santa, sendo necessário observar como ela, frente à postura firme, se colocou diante dessa instituição (Diniz, 2021).

A esse respeito, a professora Maria Forti (1999), escreve:

A mulher perdoada carrega em si o Espírito Santo. Mas ela não se nomeia apenas Maria do Espírito Santo, sem conflito. Ela é Maria Magdalena pecadora - do Espírito Santo, o consolador. Duas realidades, antagônicas, numa mesma pessoa. O conflito está instaurado, mas polarizado, cindido. Culturalmente, uma cisão definitiva: o bom separado do mau (Forti, 1999, p.143).

A Beata Maria de Araújo, embora sendo figura chave no contexto do milagre, tem sido proposital e historicamente invisibilizada em detrimento ao protagonismo atribuído ao Padre Cícero Romão Batista, o que reforça o entendimento supracitado, acerca da desvalorização da história da mulher negra, em favor do destaque conferido ao homem branco.

Diante do exposto, a mulher, negra e submissa a uma sociedade marcada pelo poder de uma instituição eurocentrada, com caráter colonizador, percebido e descrito no Catecismo da própria instituição como totalidade visto ser a Igreja (Catecismo, p. 249) “[...] apostólica, na medida em que **é enviada a todo o mundo**” (grifo nosso) a fim de catequizar outros povos a partir da imposição de sua fé e crença. A construção do poder colonizador, que se caracteriza ao subjugar o outro, impor sua norma e regra, enquanto pelo poder religioso, a propósito do qual Mignolo (2007) discorre utilizar-se do racismo como sistema de anulação de todas as outras histórias em prol da sua.

Maria Lugones (2014) faz uma crítica a como as instituições coloniais construíram a perspectiva de gênero hierarquizando homens e mulheres, e impondo essa visão de gênero colonialista. Ainda conforme Lugones (2014) o gênero, assim como a raça, também foi colonizado. Neusa (2021, p. 46) inferiu que saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Como outras mulheres, a Beata Maria de Araújo tem seu legado submetido ao apagamento, uma vez que as maneiras de se relacionar com o sagrado presente nestes espaços, não são levadas em consideração no que concerne às perspectivas das mulheres, muito menos as negras, que sim, são desqualificadas, destruídas e invisibilizadas.

2.2.3 Os movimentos sociais e a ressignificação do apagamento histórico da Beata Maria de Araújo.

De acordo com Torres e Oliveira (2023 p. 23) “promover uma justiça simbólica à Beata, a qual padeceu em vida e sofreu violações após a sua morte, implica em reconhecer a complexidade que envolve processos históricos [...]” excludentes. Em vista a dirimir o processo de invisibilização social e apagamento pelo qual passou a protagonista dos fatos aqui discutidos, especialmente, os impostos pela estrutura

patriarcal da Igreja Católica. Surgiu em 1989 movimentos em prol da memória da Beata Maria de Araújo, que a partir de eventos e ações tem buscado resgatar sua história, na construção da cidade de Juazeiro do Norte-CE e na formação da identidade de sua população.

Na década de 1989, como o Simpósio em alusão ao centenário do milagre da Hóstia, o resgate do legado de Maria de Araújo teve início, mas foi em 2014 que o Movimento de Reabilitação da Memória da Beata Maria de Araújo ganhou força, agregando estudiosos, professores, pesquisadores, grupos culturais e simpatizantes à causa (Rodrigues, 2023). Segundo Brigido (2023) o movimento conquistou por meio de política pública a lei municipal de nº 5142, de 20 de abril de 2021, que torna obrigatório o uso da imagem de Maria de Araújo nos espaços das repartições públicas que já traziam imagens do Padre Cícero. Atribuindo-lhe o mesmo valor e relevância na historicidade da cidade (Diniz, 2021).

Em 2015, com a reabilitação do Padre Cícero pela Igreja Católica, que propiciou a abertura do processo de beatificação deste agora Servo de Deus, atualmente tramitando no Dicastério para a Causa dos Santos, em Roma, os “factos do Joazeiro” vieram à tona, e como era de se esperar, sua protagonista também. Durante missa do centenário de morte da Beata Maria de Araújo no ano de 2014, o então Bispo da diocese do Crato, Dom Fernando Panico, elucidou acerca do protagonismo de Maria de Araújo nos milagres de Juazeiro, que reconheceu ter sido ela injustiçada e ofendida como mulher (Walkere, 2024).

Para Souza (2010, p. 219) ressignificar é dar “atribuição retrospectiva ou posterior de sentido”. Nessa perspectiva, o processo de apagamento imposto ao legado da Beata Maria de Araújo pela Igreja Católica, por temer a relevância que uma mulher negra, pudesse ter no protagonismo da graça de Deus, de acordo com Diniz (2021) fez construir:

[...] uma imagem através de um discurso que a Beata Maria de Araújo era um tabu, por causa do medo do que ela representava naquele momento histórico para a Região, foi construída a ideia de uma mulher que representava o perigo, portanto, se hoje a pergunta retornasse: quem era Maria de Araújo? A afirmação viria mais uma vez: não sei quem ela foi, não sei quem ela é, o que de fato sei é o que ela representa, ela entra nos discursos de hoje e ela representa várias frentes, vários discursos, Maria de Araújo é multifacetada.

Portanto, hoje Maria de Araújo não mais representa aquela que causa perigo, mas, tem em sua história, o pressuposto de ressignificação. O que foi feito com “Maria”, se faz também com as “Marias”, com mulheres que apesar de serem representações de legados, lutas, conquistas estão sujeitas a imposição de uma norma colonizadora, embranquecida e excludente. É a partir das lutas dos movimentos pró-reabilitação da história de Maria de Araújo que se atualiza nas discussões acadêmicas, sociais e descolonizadoras, que se pode falar em uma “história viva da Beata Maria de Araújo” (Diniz, 2021 p. 176) e na desconstrução de ideal branco, eurocentrado e colonizador impostos aos corpos, legados e historicidade do negro. Como nos faz recordar Fanon (2008, p.118) “a alma do branco está corrompida” ao impor sua verdade em detrimento da história do outro.

Tendo em vista a ressignificação e a reabilitação da memória da Beata Maria de Araújo, a Articulação de Psicólogas Negras e Pesquisadoras Negras – ANPSINEP propiciou discussões em torno do legado da Beata, na comunidade do Horto, em julho de 2023. Com a participação de psicólogas negras, alunos de psicologia, pesquisadores da temática e da própria comunidade, que na ocasião compartilharam vivências e conhecimentos. Tendo como norte, a pergunta motivadora “quem é ela?” propôs apresentar o legado da história da Beata Maria de Araújo aos romeiros que vinham para conhecer a história do Padre Cícero, “o padim”, no local conhecido de peregrinação, a serra do Horto em Juazeiro do Norte-CE.

Sendo este um dos muitos movimentos sociais como o Memorial Beato José Lourenço, Candeiros e o Instituto Beata Maria de Araújo que visam à reabilitação da história de Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, que sofreu como já explanado, a imposição do poderio de instituições colonizadoras e de uma sociedade marcada pelo racismo estrutural que objetifica o negro e a história do negro, em favor do branco e da história do branco.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, foram os marcadores sociais raça e gênero, decisivos para a invisibilização da história da Beata, especialmente a cor de sua pele. Uma mulher, negra, pobre e marginalizada por uma estrutura colonizadora e uma sociedade cujo passado há culpa pela escravização, nunca aceitariam, que uma mulher negra pudesse vim mediar um milagre.

Diante do exposto, é possível perceber as implicações históricas do apagamento do legado de Maria de Araújo, por meio das intersecções de raça, racismo, feminino e sexismo que fizeram com que seu protagonismo, seu legado, sua importância sucumbissem frente à negação de sua natureza feminina e mística. Maria de Araújo, como pontuou a professora Maria do Carmo Pargan Forti (1999), faz parte dos “sem lugar”, “sem identidade”, “sem representatividade”.

Construir uma narrativa no final do século dezenove, cuja principal personagem é uma mulher negra, descendente de pessoas escravizadas é reconhecer, que outrora esses mesmos sujeitos “sem alma”, sem importância, são sinais de um Deus presentes na realidade de um povo, que reconhece a dignidade de cada pessoa de maneira singular.

Maria de Araújo é, portanto, este elo que traz à tona e desmascarar uma sociedade e uma Igreja, racista e misógina, que desconsideram sua raça, seu gênero e sua identidade, em prol de uma narrativa pautada no patriarcado e na branquitude (Bento, 2022). Contudo, não foi suficiente seu silenciamento em vida, ou o apagamento da história. Maria de Araújo também teve seus restos mortais violados, roubados, permanecendo desaparecidos até os dias de hoje. Diniz infere categoricamente: (2023. p. 12) “sustentaram e refletiram no silenciamento de Maria de Araújo, reforçado através de violências simbólicas (bestialização da sua imagem) [...] e, posteriormente, negligenciando o roubo dos seus restos mortais”.

Maria de Araújo, como outras mulheres negras, foi descaracterizada, subjugada, violentada em sua dignidade de mulher, por isso retomar sua história por meio da produção acadêmica, é reivindicar sua importância, seu simbolismo, sua contribuição na formação de uma identidade própria de um povo e de uma cidade.

A beata do milagre da hóstia no Juazeiro do Norte é atualmente lembrada como sinal de esperança, de reconhecimento e de pertencimento do negro na construção do sagrado que é atravessado pela construção do social e de um subconsciente coletivo, que visando figuras de representatividade se constrói como sujeitos autônomos e alto confiantes.

REFERÊNCIAS

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

CAVA, R. D. *et al.* **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

CONCEIÇÃO, M.T. da. **A cor da devoção: protagonismo negro e tradição romeira no Cariri / Maria Telvira da Conceição, Leandro Santos Bulhões de Jesus.** Fortaleza. Imprensa Universitária. 2024.

DINIZ, P. R. J. **Eu não estou aqui... Aliás, eu estou aqui!? : o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte – CE.** João Pessoa, 2021.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** 14 ed. São Paulo: Editora Nacional, 2007.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.

FORTI, M. C. P. **Maria do Juazeiro: a Beata do milagre.** São Paulo: Annablume, 1999.

FOUCAULT, M. **Les Anormaux.** Cours au Collège de France.1974-1975. Paris: Hautes Études/Gallimard-Seuil, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: a história da violência nas prisões.** Petrópolis, RJ: Vozes. 1999.

FREUD, S. **A Feminilidade em Novas conferências introdutórias à Psicanálise.** Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936) 1. ed. al. Companhia das Letras. 1933(2010).

FREUD, S.(1926). **Inibição, sintoma e angústia.** Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro 1996.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos.** Tradução de Dante Moreira Leite. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista ciências sociais hoje, v. 2, n.1 ed. al. 1984.

LACAN, J. **L'Étourdit** (1972). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NERI, R. **O encontro entre a psicanálise e o feminino: Singularidade/diferença.** In J. Birman (Org.), *Feminilidades* (Coleção Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, p. 1334). Rio de Janeiro. 2022.

NOBRE, E. **Incêndios da Alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos.** Tese (Pós-Graduação em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

OLINDA, E. M. B.; CORDEIRO, M. P. J. A Beata Maria de Araújo nos Simpósios Internacionais sobre o Padre Cícero: traços de uma protagonista invisibilizada.

Reflexão, v. 43, n. 1, p. 137-153, 2018. Disponível em: <https://seer.sis.puccampinas.edu.br/reflexao/article/view/4171>. Acesso em: 11 junho 2024.

PAZ, R. M. **As betas do Padre Cicero: participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte: IPESC-URCA. 1998.

PINHO, M. F. M. **Padre Cícero: anjo ou demônio? Teia de notícias e ressignificações do acontecimento do padre Cícero (1870- 1915)**. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2019.

RODRIGUES, A. **Movimento resgata Beata Maria de Araújo, protagonista do ‘Milagre de Juazeiro’**. OpiniãoCE. 11 fev. 2023. <https://www.opinioace.com.br/movimento-resgata-beata-de-araujo-protagonista-do-milagre-de-juazeiro/> Acesso 13 nov. 2024.

SOUZA, P. C. **As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

TORRES. G.; OLIVEIRA. B. O silenciamento da Beata Maria de Araújo na construção de sentidos em torno do milagre da hóstia em Juazeiro do Norte – CE. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. v. 9, n. 2, 2023.

TOLOVI, C. A. **Mito, religião e política: Pe. Cícero e Juazeiro do Norte**. Curitiba: PrismaS, 2017.

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Editorial Gedisa Blackwell Publishing, 2007.

WALKERE, D. **Homilia de Dom Fernando Panico, Bispo do Crato, na celebração da missa pelo centenário da morte da Beata Maria de Araújo**. Historia de Juazeiro. Juazeiro do Norte – CE. 21 janeiro 2024 https://historiadejuazeiro.blogspot.com/2014/01/homilia-de-dom-fernando-panico-bispo-do_21.html Acesso 18 out. 2024